



O VAZIO E O DESAMPARO PSÍQUICO

"O Corpo, em ferida, chora a falta de um olhar. Nas chagas expostas, o desejo de existir.

O Corpo, em ferida, suplica a falta de um nome. Na dor dilacerante, o desejo de ouvir :

"Tu és "

O Corpo, em ferida, clama a falta de uma escuta. Na angústia que queima, o desejo de dizer:

" Eu sou..."

(Nelma de Mello Cabral)

O bebê experimenta, segundo André Green, uma catástrofe quando percebe o abandono ou a privação da mãe. O conceito de "mãe morta", segundo este autor, se refere a mãe que está viva, mas psiquicamente morta em sua relação com seu filho. Observa-se uma tristeza presente no olhar materno e uma diminuição de seu interesse pelo bebê. O bebê é surpreendido por este abandono, depara-se com uma mudança no ambiente que está inserido, suas necessidades não são mais atendidas como eram, não há presença de uma angústia sinal que o alerte antecipadamente e que através deste alerta possa acionar alguma forma de defesa que proteja seu psiquismo. Há, sim, um vazio.

A constituição do psiquismo, anterior ao início da fase oral, é composta, conforme Freud, por três momentos da estruturação do ego num grau crescente de complexificação: o ego real primitivo, o ego do prazer purificado e o ego real definitivo. Uma invasão de tensão, a morte psíquica da mãe e sua conseqüente falha como escudo protetor, neste momento inicial da estruturação do ego do bebê, terão um efeito traumático e estará caracterizada uma situação de desamparo psíquico. Se as falhas da mãe como escudo protetor se tornarem frequentes na relação com seu bebê, estabelecendo um padrão, haverá repercussões nas diferentes etapas de estruturação do ego. Winnicott reforça, a este respeito, que quando há um fracasso ambiental, há um estado de colapso, o qual se caracteriza por um fracasso nas organizações defensivas do ego.

Na vida adulta, salienta Lutenberg, estes pacientes chegam ao consultório como "crianças mumificadas revestidas de adultos", desconectados de seus sentimentos e emoções, sobreadaptados a uma realidade que, no fundo, lhes é indiferente. A vida carece de um sentido, os fatos ocorrem porém não há um envolvimento afetivo. Apresentam dificuldade de estabelecer um juízo de atribuição correto; o útil, o prazeroso, é desprezado e o inútil, o desprazer, é retido. Há uma prevalência da pulsão de morte.

O aparato psíquico encontra-se incapaz de processar as demandas pulsionais, há uma dificuldade na capacidade de simbolizar, as emoções não encontram um registro mental e a dor psicossomática passa a ser a resposta a dor mental. O corpo, assim, torna-se o veículo de expressão das emoções.

A tarefa da psicoterapia é de construir a estrutura psíquica ausente que o vazio reflete na transferência e somente a partir de um trabalho psicoterápico profundo que o paciente poderá resgatar-se, adquirir autonomia e a condição de ser capaz de cuidar de si mesmo.

Kátia Hoffmann de Abreu

Psicóloga Clínica, Especialista em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica.

Docente e Supervisora do ITIPOA